

OBJETO A COMO PARADIGMA METODOLÓGICO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE¹

Kaio Fidelis²

Angela Vorcaro

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.

RESUMO. Destacando a importância da singularidade em oposição a certa concepção totalitária e onipotente do universal, o artigo propõe uma tomada do conceito lacaniano de objeto *a* como articulador de uma metodologia de pesquisa propriamente psicanalítica. Seguindo os diversos ensinamentos de método pronunciados por Lacan (1962-63/2005) em *O Seminário, livro 10: a angústia* – momento precioso para assunção do objeto *a* – pretendemos traçar como esse conceito (que em seu cerne destaca o caráter de irrepresentabilidade) pode ser o mediador de outros objetos, de modo a fornecer um *modus operandi* para a tarefa contínua de encontrar representações provisórias e singularizadas para a falta colocada pelo irrepresentável da castração, oferecendo possibilidades metodológicas para a pesquisa teórica e clínica, de modo a localizar a função de causa de desejo desse objeto como central no conhecimento. Tal perspectiva está de acordo com a tese lacaniana de que o real, mais do que passível de conhecimento, se apresenta no registro da mostração.

Palavras-chave: Metodologia, objeto, psicanálise.

OBJECT PETITA AS A METHODOLOGICAL PARADIGM OF RESEARCH IN PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT. Highlighting the importance of singularity in opposition to a certain totalitarian and omnipotent conception of the universal, the article proposes an approach to the lacanian concept of object little *a* as articulator of a proper psychoanalytic research methodology. Following the several teachings of method pronounced by Lacan (1962-63/2005) in *Anxiety: The Seminar of Jacques Lacan, Book X* – precious moment for object little *a* assumption – we intend to delineate how this concept (that in its core emphasizes the character of non-representability) can be the mediator of other objects, in order to provide a *modus operandi* for the continuous task of finding provisional and singularized representations for the lack set by the irrepresentable of castration, offering methodological possibilities for theoretical and clinical research, in order to situate the cause of desire function of this object as central to knowledge.

Keywords: Methodology; object; psychoanalysis.

OBJETO A COMO PARADIGMA METODOLÓGICO DE INVESTIGACIÓN EN PSICOANÁLISIS

RESUMEN. Destacando la importancia de la singularidad en oposición a cierta concepción totalitaria y onipotente de lo universal, en este artículo se propone una toma del concepto de Lacan de objeto *a* como articulador de metodología de investigación propiamente psicoanalítica. Siguiendo los diversos enseñamientos del método pronunciados por Lacan (1962-63/2005) en *El Seminario, libro 10: la angustia* – momento precioso a la asunción del objeto *a* – se pretende establecer como ese concepto (que en su cerne destaca el carácter de irrepresentabilidad) puede ser el mediador de otros objetos, de modo a proveer un *modus operandi* para la tarea continua de encontrar representaciones provisórias y singularizadas a la falta puesta por el irrepresentable de la castración, ofreciendo posibilidades metodológicas para la investigación teórica y clínica, de modo a localizar la función de causa de deseo de ese objeto como central en el conocimiento.

¹ *Apoio e financiamento:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

² *E-mail:* kaiobfidelis@gmail.com

Palabras-clave: Metodología; objeto; psicoanálisis.

Objeto universal e singular

O estado atual da questão referente à metodologia de pesquisa em psicanálise remonta as origens da teoria e práxis proposta por Sigmund Freud. Às voltas com a cientificidade de seu novo campo, Freud tentava equacionar o conteúdo biologicista herdado de seus mestres no tempo de sua formação com as novas teses da teoria psicanalítica. Vale notar seu trabalho de investigação sobre a pulsão (Freud, 1915/2013), conceito primordial para essa teoria, que condensa justamente a fronteira entre o psíquico e somático, o limite entre as energias psíquicas que advém do inconsciente e o que se presentifica no corpo. Também ressaltamos a sistemática interrogação freudiana à produção artística (voltaremos ao tema) e a constatação da inapreensão do dom artístico, “não analisável” (Freud, 1928/2015, p. 286). Esse liame epistêmico impresso nos conceitos psicanalíticos desde então acirra a querela metodológica da psicanálise. De que modo abordar e demonstrar objetos que resistem à apreensão como os tratados pela psicanálise? Como seguir os preceitos de singularidade da práxis psicanalítica e ao mesmo tempo propor teses teóricas de certo modo universais?

Em constante exercício de retorno ao texto freudiano, Lacan, ao conceber o objeto *a*, recolhe em Freud o esforço de formalização de diferentes modos de representar o que resiste à simbolização. No engendramento desse conceito fez-se essencial, por exemplo, a dissociação da representação com a realidade, que se ancora muito mais em traços além da consciência (Freud, 1895/1995), o insondável do umbigo do sonho, que nada acrescenta ao conhecimento de seu conteúdo, preservando o desconhecido (Freud, 1900-01/2014b), as marcas incognoscíveis do pulsional (Freud, 1915/2013), a compulsão à repetição que remonta ao ponto irrepresentável da pulsão de morte (Freud, 1920/2010), entre outros modos de apresentação da irrepresentabilidade além e aquém do sentido.

Essas questões mantêm sua atualidade no *corpus* teórico da psicanálise ao passo que as interrogações acerca da eficácia e da demonstrabilidade endereçadas a ela nos constroem a melhor formalizar a metodologia da qual nos valem demarcando a especificidade de seu lugar entre os discursos contemporâneos, os resultados alcançados na prática de pesquisa e os efeitos da prática analítica nos consultórios e nas instituições.

Nesse artigo pretendemos enfatizar a distinção do conceito original de objeto *a*, bem como as questões epistemológicas concernentes a Lacan (1962-63/2005) nesse momento, circunscrevendo o contexto da sua elaboração em *O seminário, livro 10: a angústia*. Concentraremos nossos esforços na extração dos diversos ensinamentos metodológicos dele decorrentes, salientando como o objeto *a* pode nos auxiliar na tarefa da formalização metodológica de nosso campo.

Ao tratar da provável cientificidade atribuível à psicanálise, França Neto (2015) destaca em Lacan duas modalidades do universal, característica essencial a um campo de conhecimento: o *todo*, conjunto do qual pertencem o *para todos* e o Um do conjunto fechado; e o *não todo*, impassível de apreensão, dando-se apenas no uso ou na experimentação. A partir dessas duas figuras o autor propõe uma universalidade da psicanálise que, na contramão da defesa de um *para todos* geral e ideal, sustenta um *para todos* que faça furo na universalidade “todificada”, uma exceção que suporte certa indeterminação a qualquer predicado prévio. Nas palavras do autor “uma universalidade que se apresenta como ponto de inconsistência, uma localização infinita, que se garantirá como universal enquanto conseguir se apresentar e ao mesmo tempo manter-se em exclusão a qualquer determinação que a classifique como parte de um Todo unificado” (França Neto, 2015, p. 207).

Assim, essa concepção de universal proposta por França Neto (2009) insistiria na recusa em apresentar-se em sua completude, estando sujeita a representações e predicções impossíveis. O autor localiza justamente o objeto *a* de Jacques Lacan nessa posição, ao passo que esse objeto é universal ao não remeter nenhuma particularidade e nem se deixar limitar por qualquer classe. Apoiado na discussão do filósofo Alain Badiou, França Neto (2009) diferencia particular e singular, relegando o primeiro ao campo das identidades, enquanto o singular caracterizar-se-ia pela subtração dos predicados identitários sem que possa de toda maneira ser previsto ou pensado *a priori*.

Destacamos o objeto *a* então tanto como universal, assim como apontado pelo autor, já que não pode ser apreendido, nomeado ou restituído, mas também como singular, já que a cada uso ou experimentação se apresentará de maneira singularizada.

Elaboração do conceito

Ainda que o objeto *a* seja tomado como conceito original de Jacques Lacan, certamente recebe influência da literatura psicanalítica prévia, este faz uso totalmente novo do que lê em outros autores, modulando suas concepções para ali validar seu trabalho em torno do desejo e da falta. Como afirma Lacan (1968-69/2008b) “esse objeto *a*, em certo sentido, eu o inventei.... não é que ele não tenha sido abordado antes de meu próprio discurso, mas só o foi de maneira francamente insuficiente” (p. 45).

Privilegiando as relações da concepção de objeto lacaniana com os registros imaginário, simbólico e real, Lucero (2015) analisa as mudanças conceituais de Lacan impostas tanto por suas leituras de autores como Karl Abraham, Melanie Klein e Donald Winnicott, quanto pelo desenvolvimento interno de sua própria teorização, ao se debruçar, por exemplo, nos problemas do narcisismo, do estágio do espelho, da falta de objeto, da fantasia e de *Das Ding*.

Ao destacar a importância da imago na constituição psíquica e sua relação com a formação do objeto *a* nos primeiros textos de Lacan, sobretudo aqueles dos anos 30 e também o primeiro seminário de 1953-1954, a autora sublinha que ainda que o simbólico regule o imaginário, interferindo inclusive no fantasiar, as relações de objeto nesse momento são primordialmente de tipo imaginária, já que a imago do corpo e as identificações são essenciais na relação do eu – sujeito a advir – com o outro.

Desse modo, Lucero (2015) mostra que o registro imaginário, muito distante de ser uma categoria ultrapassada, carrega importantes elementos para a teoria lacaniana que culminará em nosso interesse central, o objeto *a*. Afinal, como afirma a autora, “a relação de objeto, no sentido em que vinha sendo abordada na psicanálise, dependerá, sim, da entrada em jogo do imaginário, mas Lacan incluirá aí o mundo simbólico das significações e o real do corpo” (Lucero, 2015, pp. 79-81).

Já no campo simbólico, a autora recupera as referências essenciais da literatura psicanalítica acima citada. A concepção de objeto parcial delineada por Karl Abraham em estágios da libido permite um deslocamento da materialidade da apreensão do objeto e das relações sujeito/objeto na teoria lacaniana. Já as teorizações kleinianas e acima de tudo, sua narrativa clínica permitem a Lacan observar que a referência significativa aos objetos concretos – o caso Dick, como expressão máxima – possibilita um tratamento de certas condições psicopatológicas e, por conseguinte, essa mesma ordem simbólica permitirá ao *infans* a construção de fantasias (Lucero, 2015).

Quanto à leitura feita por Lacan do objeto transicional de Winnicott, cabe uma análise mais detalhada, já que, de acordo com Vorcaro e Lucero (2015), essa noção winnicottiana influi diretamente na elaboração do conceito de objeto *a*. Como demonstrado pelas autoras, para o psicanalista inglês, um ambiente facilitador propiciado por um cuidador que forneça ao lactente a capacidade de criatividade primária – ou seja, que a criança consiga criar o que se encontra ao seu redor – está na gênese de desenvolvimento saudável oferecendo condições para o bebê passar do primado do princípio de prazer, para a aceitação do princípio de realidade (Vorcaro & Lucero, 2015).

Como nos lembram Vorcaro e Lucero (2015), a oposição dialética entre princípio de realidade e princípio de prazer, em Winnicott, é substituída por atores consistentes, de modo que a mãe toma a função de realidade na relação com a criança, o que Lacan denuncia como uma personalização do princípio de realidade na teoria winnicottiana. Nesse ponto, o conceito de objeto transicional é inserido, designando “esse estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade, ou seja, eles descrevem a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade” (Vorcaro & Lucero, 2015, p. 24).

Lacan identifica então, no objeto transicional, a incidência do simbólico na relação entre mãe-bebê, já que a partir desse objeto essa relação sofre a interferência da linguagem. Ao nomear os objetos transicionais de objetos imaginários, Lacan caminha amiúde para o reconhecimento de sua importância, ao passo que a partir da imagem que forma de seu corpo, a criança questiona-se sobre a existência real ou a construção fantasística desses objetos.

No objeto *a* de Lacan, a articulação desse questionamento imaginário com o simbólico da linguagem e o real do corpo possibilita melhor esclarecimento do objeto na psicanálise (Vorcaro & Lucero, 2015). Assim, “por receber esse objeto transicional das mãos mais distantes da criança, que precisamos mesmo reconhecer aqui [Winnicott], pois foi a partir dele que formulamos inicialmente o objeto *a*” (Lacan, 1967-68, citado por Vorcaro & Lucero, 2015, p. 28).

Retomando as construções da tese de Lucero (2015), no registro simbólico é a falta de objeto que caracteriza as relações objetais para Lacan, de modo que a realidade material e orgânica do objeto é crescentemente abandonada, preconizando-se a apreensão simbólica da realidade por meio dos significantes disponíveis no sistema de linguagem que precede o sujeito, já que o agente da relação só terá importância de acordo com seu lugar significante. Lucero (2015) alude, nos textos de Lacan, o objeto perdido (já concebido por Freud, 1895/1995) e suas conseqüentes tentativas de reencontro por meio das três modalidades da falta – privação, frustração e castração³ – como objeto de desejo, ou objeto *a*, como já grafado por Lacan (1957-58/1999) em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*.

No bojo desse seminário, Lucero (2015) verifica a inserção dos três modos de falta de objeto nos três tempos do Édipo, sem que se faça menção aos objetos concretos, seja a mãe ou os objetos de satisfação da necessidade, pois o que está em jogo nesse momento é a relação com o desejo da mãe, articulada pelo significante *falo*, significante do desejo que localiza a falta da mãe castrada. Percebida pela criança como impossível de ser suprida, a falta abre caminho para toda uma vastidão de objetos possíveis.

Primeiramente localizado no lugar do objeto de falta ou da castração, grafado como $-\varphi$, o objeto *a* será posicionado por Lacan (1958-59/2016) no centro da fórmula da fantasia com a função de deslocar “o lugar do objeto no desejo em sua relação ao outro” (Lucero, 2015, p. 104). Nessa fórmula, $\$ \diamond a$ – que, para Lacan, é a notação do que pretensamente se encontraria no campo das relações de objeto – o desejo em jogo esclarece que, ainda que o sujeito dependa do significante, não há nenhum que o represente completamente: “o sujeito não equivale aos significantes do Outro nem encontra nele respostas para o seu desejo, de modo que ele precisa vincular-se a qualquer objeto que forneça alguma satisfação” (Lucero, 2015, p. 109).

A fórmula da fantasia anuncia desde então o enlaçamento do campo significante com o real do corpo, que trará a consistência e originalidade do conceito de objeto *a*. Analisando os seminários lacanianos seguintes, Lucero (2015) observa a inserção de *das Ding* como uma primeira abordagem do registro real, sendo essa noção então “predecessora do objeto *a*, acrescida da dimensão real do corpo, antes invisível sob a imagem especular e significada pelo *falo*” (p. 218). Não mais aquele corpo tomado por meio da imagem corporal unificada do estádio do espelho, mas um corpo fragmentado e impossível de ser apreendido pelo significante. Como argumenta Lucero (2015), esse corpo não está referido em uma dimensão biológica, mas implica um corte significante que o afeta. Esse corpo real aparece no escopo de *O seminário, livro 10: a angústia*, foco de nossos interesses nesse artigo.

O objeto *a* real

Revisando a tese final de Freud (1926/2014a) sobre a angústia como sinal de uma perda de objeto atrelada ao seu primeiro modo de aparição, a angústia de castração, Lacan (1962-63/2005) observa que a despeito da fórmula propagada da angústia como sem objeto, “ela não é sem objeto” (p. 101). Como aponta Safouan (2006), a partir de sua conceptualização dos registros real, simbólico e imaginário, Lacan toma a castração de maneira diferente à de Freud.

Segundo ele, se a castração nada tem de insuperável, se a interrupção da dialética psicanalítica nada tem de inevitável, é que não é a angústia de castração que constitui em si mesma o impasse derradeiro do neurótico.... Não é, pois, afirma Lacan, diante da castração que o neurótico recua: ele já está marcado por ela. É de fazer do que se inscreve de sua falta como castração, e não de seu dom, o complemento da falta do Outro; é de fazer de sua castração algo positivo, que é a garantia da função do Outro no que ela tem de irredutível a qualquer transparência (Safouan, 2006, p. 180).

³ Para uma abordagem mais detalhada do tema ver, por exemplo: Vorcaro, Moreira, Guimarães e Souza (2015).

Desse modo, Lacan substitui a falta de objeto identificada à castração, por um objeto em sua opacidade, objeto opaco, incomum. Exatamente o objeto *a*, que toma lugar desde *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (Lacan, 1958-59/2016). Ainda que, como sublinhado por Soler (2012), a partir de Lacan, a angústia seja a única incidência clínica do objeto *a*, esse não é sua causa, mas “o índice de alguma coisa que se passa entre o sujeito e o objeto” (p. 56).

Na elaboração desse conceito, Lacan demarca o objeto *a* como objeto causa de desejo e não simplesmente objeto de desejo. No interior dessa diferenciação reside a recusa às teorias da objetividade defendidas pelos pós-freudianos e criticadas por Lacan, já que esse acompanha em Freud a falta subjacente ao objeto pretensamente desejado. O objeto *a* como causa de desejo segue a desracionalização da função de causa empreendida por Lacan (1964/2008a), descreditando uma determinação entre causa e efeito, por observar na trilha de Freud, um real insurgir na hiância, na fenda que separa causa e efeito. Esse real para Lacan (1964/2008a) não é determinado, o que introduz mais uma vez a irrepresentabilidade do desejo e de um objeto que o figuraria. Assim, o autor apresenta a hiância constituinte da diferenciação entre objeto de desejo e objeto causa afirmando que, “só existe causa para o que manca” (Lacan, 1964/2008a, p. 29).

Lacan (1962-63/2005) constrói passo a passo o caminho do objeto *a*, não mais pela via de um desenvolvimento libidinal, mas por meio de uma constituição circular, numa ordem de acordo com a oferta e a demanda do Outro, mesmo havendo retroação, já que a passagem pela castração reinveste cada um desses níveis ou objetos *a*, sejam eles, oral, anal, escópico e invocante. Anterior aos objetos *a* sob a forma dos objetos tomados como parciais, observamos, como nos lembra Soler (2012), o objeto apré-subjetivo, anterior à cessão, é impossível de ser localizado, ao passo que o objeto cedível “é o objeto que representa o sujeito, que representa o \$, no seu ser em alguma forma de gozo.” (p. 150).

Quanto à decomposição do objeto *a* nos objetos do corpo, cedíveis e intercambiáveis, reservamos o direito de comentar apenas e brevemente que para uma relação do sujeito com esses objetos é preciso a extração do objeto por meio da ligação do desejo com a função do corte, o que não se passa no autismo, por exemplo⁴.

Recuperando então as elaborações do objeto *a* feitas por Lacan (1962-63/2005), Soler (2012) lista suas modalidades de aparecimento, então: *a* – pré-subjetivo ou insubjetivável; *as* – subjetiváveis que representam o sujeito e por fim; *a* (A) – o *a* passado ao campo do Outro, o *a* que ao ser historizado funda o Outro barrado, sendo portanto “um objeto acabado, eletivo, não é qualquer um, porta os índices de uma história, isto é, um objeto identificável e nomeável” (p. 161).

Conhecimento, desejo e objeto *a*

Após essa breve recomposição da noção de objeto nos primeiros seminários de Lacan e a localização do objeto *a* em sua ligação ao corpo e seu caráter real voltemos, pois, ao objetivo anunciado no início desse texto, seja ele, destacar o objeto *a* como um paradigma metodológico-guia ao pesquisador-analista. As contestações de Lacan⁵ à teoria do conhecimento que orienta o método científico talvez nos ajudem nessa tarefa.

Para Lacan (1958-59/2016), o esforço para delimitar e afirmar o objeto desde a filosofia grega comporta uma posição de princípio que é suposta poder ser elidida, depois de obtidos os resultados da objetivação. Para atingir certa realidade a fim de obter, como fruto, a objetividade da noção de objeto, o desenvolvimento do conhecimento na tradição filosófica implicou a escolha pela denominada “investigação desinteressada” (idem, p. 392). Operou-se, assim, o sacrifício da exclusão do desejo. Entretanto, quando o objeto de investigação é o desejo, como é o caso da psicanálise, o interesse do

⁴ Para melhor desenvolvimento da questão do objeto *a*, sua cessão, as relações dos objetos e psicopatologias como o autismo, ver: Lucero e Vorcaro (2015).

⁵ Vale apontar que a noção lacaniana de saber é diferenciada da ideia de conhecimento. A partir do resgate entre a curiosidade sexual e qualquer ordem de saber, apontada por Freud (1908/2015), para Lacan (1968-69/2008b) o saber implica a junção entre a falta de gozo do sujeito e o que se ordena no campo não-todo do Outro como lugar onde isso se sabe, junção cujo pivô é o objeto *a*.

sujeito é justamente o que não pode ser excluído, pois não há acordo pré-formado entre o desejo e o campo do mundo: o desejo opera no insensato não reconhecido pelo próprio sujeito⁶.

Ao apresentar *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia* de Colete Soler (2012), Quinet (2012) elege o objeto *a* como chave de leitura do percurso de Lacan e da análise de Soler, já que segundo o autor é esse conceito que articula todo o pensamento da angústia. Para Quinet (2012), o “objeto *a* condiciona o desejo e é anterior a todos os objetos do mundo. É ele quem confere o interesse a esses objetos. E é também logicamente anterior ao sujeito. As relações de objeto são, portanto, consequências do objeto *a*” (p. 12).

O que Lacan traz de original ao tema do conhecimento é colocar o desejo como motriz central do que se dá em torno do saber. A articulação do desejo promovida pelo objeto *a*, como demarca Soler (2012) confere interesses aos objetos, inclusive os do campo do saber, já que

o objeto da intencionalidade está na frente do desejo, na frente do interesse, no final do vetor do interesse, e o objeto *a* está atrás, no lugar daquilo que causa esse vetor. E aí ele nos dá uma maneira bem expressiva de distinguir isso que ele chama objeto comum daquilo que ele chama objeto *a* (Soler, 2012, pp. 61-62).

Delimitada por Lacan (1962-63/2005), nesse seminário até então, a função causa de desejo é demonstrada pela formação e pela definição do conceito de objeto *a*, “o objeto dos objetos” (p. 236). À objetividade da teoria do conhecimento presente em certo formalismo lógico, Lacan (1962-63/2005) opõe sua concepção de objetividade, que como mostramos anteriormente serve-se das ditas relações de objeto para promover uma torção ali, o que nomeia um “*pathos* de corte” (p. 237). Algo próximo do que apresenta Teixeira (2011) na insuficiência ou impertinência do procedimento protocolar do cientista frente ao contingente implicado no real, em que a inventividade do analista assume maior acento. Nessa situação, a função de causa do desejo condensada no objeto *a* talvez seja mais operativa por apresentar diferentes saídas ao encontro faltoso do sujeito com o Outro, já que, como nos ensina a psicanálise lacaniana, nas falsas ideias de objetividade ou oblatividade, confundem-se facilmente demanda e desejo. Portanto, no objeto *a* como “pedaço carnal arrancado de nós mesmos... objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função de causa” (Lacan, 1962-63/2005, p. 237).

Assim, articulando o desejo, a causa e o conhecimento, Lacan (1962-63/2005) lança a tese da qual partimos nesse escrito:

A causa, portanto, sempre surge em correlação com o fato de que algo é posto em consideração no conhecimento. Ora, é *precisamente o desejo que move a função do conhecimento*. Toda vez que é invocada, e em seu registro mais tradicional, *a causa é a sombra ou a contrapartida daquilo que é um ponto cego na função do conhecimento*. (Lacan, 1962-63/2005, p. 239, itálicos nossos).

Qual a necessidade, então, de subscrever essa inscrição do desejo no campo do conhecimento sob a rubrica de um método? É o próprio Lacan (1962-63/2005) quem renuncia o estudo do modo como ele procedia em seu ensino, para colocar o objeto *a* como premissa metodológica, já que acredita que “esse método não se distingue do objeto abordado. Esse método decorre de uma necessidade” (p. 267). A função de causa do objeto *a* possibilita colocá-lo em uso ou experimentação, de modo que, no exemplo dos potes que o autor traz mais à frente, quando um pote singular se coloca

⁶ Exemplo específico desse des-conhecimento que preside o conhecimento é fornecido por Lacan (1967-68) ao lembrar de Pavlov, que associou o ruído do trompete à apresentação de um pedaço de carne a um cão, desencadeando neste a secreção gástrica. Após várias repetições, ou seja, com o condicionamento, a secreção é obtida pela mera emissão do ruído de trompete. A experiência mostra a possibilidade de influência na organização biológica do cão, totalmente destacada de sua natureza, podendo dispensar qualquer hipótese sobre o que seria o pensamento canino. Entretanto, pela relação entre o significante *trompete* e o significante *secreção* Pavlov demonstra que o organismo é enganado, ele negligencia o sujeito dessa operação entre significantes, o sujeito que sopra o trompete, ou seja, ele mesmo, que recebe sua própria mensagem sob forma invertida: seu objetivo é obtido ao preço de um desconhecimento do que constitui a estrutura da experiência: o ato do sujeito Pavlov.

no lugar do outro, qualquer coisa pode acontecer ali, inclusive seu vazio continuar o mesmo, ou se alterar.

O passo a seguir dessa caminhada, Lacan (1962-63/2005) diz não ser simples definir, o que endossamos, já que a cada vez, em um ensino, uma pesquisa, uma transmissão, isso se operacionalizará de modo singular. O que se oferece aqui é a ferramenta – o *a* – que permite o uso dos objetos e seu registro nas subjetividades, o que leva Lacan (1962-63/2005) afirmar que “o *a* de que se trata funciona, aqui, numa verdadeira *função de mediação*” (p. 300, itálico nosso), a função causa do desejo concernido no conhecimento permite o objeto *a* ser o objeto que media os outros objetos.

Fazendo coro aos alertas de que a transmissão de Lacan funciona aos moldes de sua concepção de tempo lógico, de maneira que elaborações posteriores por vezes lançam luz às articulações anteriores pouco dadas ao entendimento ou pelo menos à função de sua enunciação em dado momento, percebemos nas lições iniciais desse seminário, tentativas de articulação da tese de que o *a* possa ser elemento mediador de uma metodologia psicanalítica de pesquisa.

Questionando o que está em jogo em um ensino e destacando a impossibilidade de apreensão do saber, Lacan (1962-63/2005) tenta descrever por meio de três métodos, a abordagem do tema tratado naquele momento, seja ele a angústia como afeto.

A primeira via é o catálogo, que pretende esgotar o tema e explicar os motivos da construção de tal categoria. A partir da referência a santo Tomás de Aquino, Lacan recupera a divisão do afeto entre o concupiscível e o irascível, o irracional habitando a razão, que tem primazia sobre a desrazão. A via do catálogo teria o inconveniente de empurrar para uma classificação – na teoria dos afetos – e alongar-se nessa direção, segundo Lacan, necessariamente alcançaria impasses evidentes. Assim “o chamado método de catalogação não pode deixar de ser marcado, afinal, por uma aporia profunda, o que leva a impasses ou a uma infecundidade muito especial” (Lacan, 1962-63/2005, p. 29). O exemplo trazido por Lacan aqui é um artigo de David Rappaport, que, ao intentar construir uma teoria psicanalítica do afeto, acaba por catalogar diferentes aparições do termo, de modo que acabam sendo irredutíveis umas às outras.

O segundo método listado, o análogo, ao discernir diferentes níveis, pretende “revelar posições análogas, em níveis supostamente independentes, para fazer algo diferente de destacar não mais uma classificação, porém uma espécie de tipo” (Lacan, 1962-63/2005, p. 29). Para o autor, o método análogo nos levaria necessariamente a antropologia, que, em sua concepção nesse momento, comporta o maior número de pressupostos dos mais arriscados, principalmente em sua vertente do junguismo.

Para Lacan (1962-63/2005), a experiência analítica nos leva, entretanto, a função da chave, sendo essa “aquilo que abre e que para abrir, funciona. A chave é a forma pela qual funciona ou não a função significativa como tal” (p. 31). Segundo o autor, a dimensão da chave se apresenta como (co)natural a qualquer ensino, incluindo aí, o analítico.

Notamos na formulação “função da chave”, elementos que nos aproximam da função de causa do desejo do objeto *a* – melhor desenvolvida nas lições seguintes – já que é por uma abertura, por algo que se engaje como surgimento de um real implicado que o objeto *a* pode operar. A partir dessa chave, Lacan (1962-63/2005) põe em uso as formulações por nós salientadas anteriormente, sublinhando “o fato de eu *a* anunciar [*a função chave*] *a* distingue e ousa introduzi-la como aquilo em que podemos confiar, nada havendo aqui que seja marcado pela presunção” (p. 30).

Extraímos, ainda, outra modulação de nossa proposição central sobre o objeto *a*. Partindo da recuperação da retomada de Fechner por Freud (1900-01/2014b) que demarca a cena do sonho como diferente da vida em estado de vigília e localiza o inconsciente como *eineandererSchauplatz*, Lacan (1962-63/2005) irá propor essa *outra cena* como razão psicanalítica. Desdobrando as concepções freudianas, o autor propõe então três tempos na estrutura dessa razão.

O primeiro tempo se apoia no fato de que o mundo existe. Esse mundo diferencia do lugar onde as coisas do mundo vêm a dizer. Segundo Lacan (1962-63/2005), as coisas do mundo se colocam em cena a partir das leis do significante, que ele atesta serem radicalmente distintas das leis do mundo.

O segundo tempo designa-se como o palco no qual fazemos a montagem desse mundo, ao passo que Lacan (1962-63/2005) possa afirmar que “o palco é a dimensão da história, que sempre tem

caráter de encenação” (p. 43). Esse *statment* gera o questionamento sobre o quanto o mundo é signatário do que o palco devolve. A resposta de Lacan (1962-63/2005) nos parece interessante

Tudo o que temos chamado de mundo ao longo da história deixa resíduos superpostos, que se acumulam sem se preocupar minimamente com as contradições. O que a cultura nos veicula como sendo o mundo é um empilhamento, um depósito de destroços de mundos que se sucederam e que, apesar de serem incompatíveis, não deixam de se entender muito bem no interior de todos nós... Isso com que acreditamos lidar como mundo, será que não são simplesmente os restos acumulados do que provinha do palco, quando ele estava, se assim posso me expressar, em turnê? (pp. 43-44).

Após resgatar Hamlet e a cena armada por ele dentro de uma apresentação teatral, Lacan (1962-63/2005) nomeia o terceiro tempo como cena dentro da cena, que contempla o que o autor delicadamente vem construindo ao status do objeto como objeto de desejo. Esse objeto em sua articulação com a angústia fornece um balizamento “entre o retorno a uma visão cósmica segura e a manutenção de um pateticismo histórico a que também não nos apegamos tanto assim, embora ele tenha lá sua função, existe um viés, uma via de passagem” (Lacan, 1962-63/2005, p. 48).

Como já destacado por Machado et al. (no prelo), essa montagem em três tempos dialoga diretamente com sua retomada por Lacan semanas seguintes, ao colocar o objeto *a* como passagem. Ainda que esteja fora da cena, o *a* “só pede para subir ao palco, a fim de introduzir seu discurso naquele que continua a ser mantido em cena” (Lacan, 1962-63/2005, p. 155), de modo que a cena dentro da cena seja um recurso, uma chave, para algo da dimensão do real,

esse dispositivo evidencia o objeto *a*, destroço resultante do rasgo da cena que com o tempo histórico se acumula formando empilhamentos de camadas superpostas, camadas que insistem em restar no litoral do palco... O objeto *a* movimenta a estruturação cênica, introduzindo a emergência do real que coloca em outra série aquilo que a história havia traçado como destino (Machado et al., no prelo).

Mais uma vez, o enredamento do objeto *a* nas formulações de método propostas por Lacan permite, partindo do furo situado na função significante, no que comporta de impossibilidade de representação, ascender, ou, colocar em cena, fragmentos de real que se encontravam fora do até então discurso prevalente. Reivindicamos então, a partir do que propomos pelo trajeto anterior de Lacan e sua culminação em *O seminário, livro 10: a angústia*, que o objeto *a* seja ferramenta metodológica original introduzida no campo da psicanálise. A própria trilha de formação desse conceito produz índices de modalizações, ainda que provisórias e singulares, de como o desejo fisga o campo do conhecimento, ressitua-o a partir das proposições psicanalíticas.

O pesquisador-analista deve estar então *a*-visado, visando não o *a*, dado que “não é o objeto do desejo que procuramos revelar na análise, mas sua causa” (Lacan, 1962-3/2005). Avisados da dimensão de gozo condensado e a função de causa de desejo que esse objeto carrega e o que isso implica, ou seja, o saber e a verdade do gozo do sujeito, mas também sua parcela de *semblante* e engano. Como conclui Lucero (2015), o objeto *a* em sua articulação significante é o que permite o advento do sujeito. Por dele advir o sujeito, esse objeto nos serve como referência para a metodologia de pesquisa em psicanálise, já que, com nossos estudos vislumbramos, se não o advento do sujeito, no mínimo a insurgência de representações singulares desse *a* partir da função de causa do desejo implicada nesse *a*.

Ainda que as formulações em torno do objeto *a* não se esgotem no seminário 10 – inclusive, retomadas no seminário seguinte, para melhor formular a condição de objeto olhar e objeto invocante e mais a frente, como objeto mais-de-gozar e ainda posteriormente, como o articulador entre os registros real, simbólico e imaginário⁷ – pudemos notar que nesse seminário, talvez em exceção aos outros, Lacan detém-se em demonstrar seus procedimentos de ensino de maneira ainda mais didática, sempre articulando a angústia, o objeto *a* e seu método.

⁷ Dunker (2016) destaca bem essa e outras aparições desse objeto ao longo do ensino lacaniano, que não foram aqui abordadas, dada a delimitação temática desse artigo.

Observamos também que o objeto a de Lacan condensa diferentes interesses e forças de pensamento de seu projeto intelectual. Além de uma revisão do estatuto do objeto que se impõe como incontornável à psicanálise, acreditamos que sua formalização fornece ao campo filosófico e estético ferramentas para acolher no seio de seus escopos teóricos o balizamento e sustentação desse ponto de negatividade e indefinição com suas grafias, topologias e imagens provisórias.

Considerações preliminares a qualquer conclusão

Por ora, gostaríamos, partindo do que Wajcman (2012) apresenta em seu texto *A arte, a psicanálise, o século* abrir a discussão sobre a representação via imagem da irrepresentabilidade, tema abordável por meio do objeto a. A introdução colocada por Vilela e Iannini (2012) nos fornece combustível para a entrada nesse tema, vejamos

Wajcman salienta que, ao forjar o conceito de objeto a, Lacan responde de certa forma aos impasses inerentes à filosofia do pós-guerra e que diziam respeito a como fazer entrar o impensável no pensamento, o irrepresentável na representação e a ausência na presença. O objeto a é a resposta. Sintetizando o que norteou a sua reflexão Wajcman pôde enfatizar que o objeto a é o objeto da arte do Século XX e o lacanismo, que poderia se chamar a Psicanálise do século XX, caminha ao lado da arte do século XX. Belo exemplo de como a arte pode ser aplicada à psicanálise (p. 14).

Seguindo essa via, Wajcman (2012) questiona-se, após definir o século XX como o século do objeto, qual seria o objeto desse século. Após elencar a ruína como melhor caracterização dessa época dos objetos, a localiza no massacre de massas e examina sua pré-existência ao século XX, o que a ruína em forma de massacre de massa apresenta de novidade nesse século é a *shoah*⁸ e a tentativa do completo aniquilamento de rastros e destroços do acontecimento desse evento e seu caráter insigne.

Ao nomear *shoah*, portanto, Wajcman (2012) já coincide esse nome a um objeto específico – inclinação das obras de artes, singularizar um a um os objetos – o filme de Claude Lanzmann de 1985 de mesmo nome, *Shoah*. Para o autor do texto, esse filme carrega a marca de não se encerrar em um tempo preciso, de modo a engendrar num mesmo sítio, presente, passado e futuro. Além disso, a obra em fato se compõe de modo a ser sem imagens, sem palavras, sem rastros e, em consequência, sem ruínas. O que Wajcman (2012) coloca como tarefa desse filme, dado que não há nada para representar – é “olhar de frente’ – olhar de frente o que nenhum vivo nunca viu e que é irrepresentável” (p. 62). E como bem lembra Wajcman a propósito da homenagem a Merleau-Ponty, feita por Lacan (1961/2003a), na qual o psicanalista retoma as proposições do filósofo para ali destacar as relações entre o visível, a verdade e o engodo da percepção, a obra de arte destaca o ponto no qual “aquilo a que nos dá acesso o artista é o lugar do que não pode ser visto – e resta ainda nomeá-lo” (p. 192).

Dado esse contexto, *Shoah* não é um filme sobre *shoah*, ou que o figura, uma pura representação desse acontecimento. Como aponta Wajcman (2012), além de irrepresentável, esse evento pretendeu-se imemorial, já que a tentativa de anular qualquer registro ou rastro toma um estatuto de ato, tentando foracluí-lo da memória histórica, “fora do tempo, fora do mundo, fora de qualquer lembrança possível, fora até mesmo das mentes. *Fora da cena. Sem rastro algum*” (p. 64, *italico nosso*).

O que Claude Lanzmann realiza em *Shoah* ao filmar nas localidades mesmas do acontecimento *shoah* mesmo com suas ruínas quase totalmente extintas, ao entrevistar alguns poucos sobreviventes e também “funcionários” do Terceiro *Reich* questionando-os de forma incisiva, demandando o máximo de detalhes possíveis é, bordejar esse evento sem representação, de modo a lhe conferir a mínima circunscrição na memória histórica, contando com o efeito-colateral de tocar o corpo de seus espectadores, que não poderiam passar incólumes ao quinhão de real que os concerne.

⁸ Como salienta Feldman (2016) o termo *shoah* em hebraico preserva o sentido de catástrofe e desastre em oposição à conferência de sentido religioso ofertado pelo termo holocausto.

O papel da arte se faz clara exatamente aí, “ser o lugar onde o que não poderia ser dito nem visto vem se mostrar” (Wajcman, 2012, p. 74). Na contramão do desejo nefasto de que o que aconteceu não tivesse imagem, o projeto de mostrar o que não poderia ser visto ou dito dá forma e imagem “ao que foi concebido deliberadamente contra a imagem, um atentado contra a figura humana” (op. cit., p. 75).

Ao final de seu texto, Wajcman (2012) examina as possibilidades de mostrar o que não tem imagem e que não foi visto, de modo a estabelecer relações de similitude entre o objeto psico-atmosférico-anamórfico de Dali e o objeto pequeno *a* de Lacan como direção-guia de seu pensamento nesse texto. Retomando a pergunta pinçada no prefácio desse livro sobre a entrada da ausência na presença, do impensável no pensamento e do irrepresentável na representação, Wajcman (2012) abre caminho estabelecendo que

O objeto *a* é a resposta. *a* é o nome reduzido à letra, ao inicial, do irrepresentável na representação, do impensável no pensamento, da ausência na presença, etc... *a*, uma pequena letra com a qual Lacan inscreveu, na psicanálise, que o irrepresentável, que o impensável, aconteceu nesse século. Portanto, que o século XX aconteceu (p. 79).

Em conformidade com o que dispõe Wajcman, está o percurso que propomos nesse artigo, a saber, assumir a causa de desejo do objeto *a* como central para desempenhar a função de articulador de uma metodologia psicanalítica que dê lugar à falta constituinte do sujeito do inconsciente, à escassez de representações de uma época que a despeito disso, oferece incessantemente significantes e imagens. O objeto *a* assevera a centralidade dessa negatividade no meio da multiplicidade de mercadorias, serviços, gozos e objetos, dado o impedimento absoluto de materializar um objeto que garanta uma localidade mesmo que provisória, como nos objetos comuns.

No caso das obras de arte, colocar o objeto *a* em uso e funcionamento se faz necessário por meio da tarefa de encontrar representações provisórias para o irrepresentável, imagens para o inefável no campo das aparições, ou como sustenta Safatle (2006) “a formalização estética pode nos fornecer protocolos para um pensamento do que se apresenta como resistência à apreensão conceitual e à repetição fantasmática” (p. 269).

A propósito de *shoah*, Feldman (2016) adverte para a expansão da discussão. O achado de fotografias feitas por judeus obrigados a trabalhar nos campos de concentração, sua exibição, a consequente problematização do que isso marca nos *Holocaust Studies* por Didi-Huberman e as críticas endereçadas a ele por Élisabeth Pagnoux, Claude Lanzmann e Gérard Wajcman, abrem as perspectivas de representação de *shoah*. O que Didi-Huberman destaca em seus escritos, como apresentado por Feldman (2016) é um questionamento do “caráter indizível do testemunho, impensável da Shoah e inimaginável de Auschwitz” (p. 137), de modo a evidenciar a precariedade, a incompletude e configuração lacunar dessas fotografias.

As críticas remetidas pelo trio a Didi-Huberman acusam-no de fetichização das imagens, que enganam e levam a ilusão. Didi-Huberman, no entanto, protestaria quanto à absolutização do real e totalização das imagens, de maneira a sacralizá-las e interdita-las, por parte de Lanzmann, Pagnoux e Wajcman. (Feldman, 2016). O que a autora distingue do que Didi-Huberman afirma é que ele

não nega o “inimaginável” e o “irrepresentável” da ordem da *experiência traumática*, como aporia do testemunho (entre sua necessidade e crônica impossibilidade) e fundamento negativo da linguagem, encarnado na verdade do corpo do sobrevivente. O que ele parece negar é o “inimaginável” e o “irrepresentável” como norma, dogma e imperativo (Feldman, 2016, p. 138, grifo da autora).

Dessa vasta polêmica entre o representar tudo, o nada representar e o representar ‘apesar de tudo’, tencionamos a ocasião de resguardar a intenção de Wajcman (2012) em operar imagens, representações e inscrições a partir do objeto *a*, fornecendo modos de aparição sempre incompletos, em falta e possíveis apenas no contexto de sua modalização.

Não se trata, entretanto, de positivar uma negatividade, uma falta irreduzível. Não pretendemos uma aplicação simples do conceito para toda gama de pesquisas. Trata-se mais de seguir os ensinamentos que a função desse objeto tem na clínica e na teoria psicanalítica, de modo a transpô-los à querela do conhecimento e da pesquisa. Não se objetiva – o que seria tragicômico – encontrar o *a* correspondente ao tema pesquisado, de forma que o *a* substitua o senso comum do *x* da questão, do

cerne das perguntas elaboradas. É na trilha da função de causa do desejo engajada nesse objeto que podemos seguir os desfiladeiros do que se pretende como pesquisa em psicanálise e o modo como podemos formalizar, grafar ou até mesmo, topologizar esse empreendimento.

Nesse ponto retomamos a tese lacaniana e as considerações de Safouan (2006) e Soler (2012) sobre a notação desse objeto em uma letra. Justamente por sua imaterialidade, sua impossível identidade e sua irrepresentabilidade, que a letra – noção psicanalítica desde que Lacan a coloca no escopo de nosso campo – é a escrita possível para esse objeto de presença irrepresentável, “apenas a notação algébrica de uma letra ‘a’ permite a localização pura da identidade” (Soler, 2012, p. 56). O a permite a Lacan (1962-63/2005) abordar a falta constitutiva da subjetividade, já que como um pedaço do corpo, pode ancorar essa falta, como “ponto falta-de-significante” (p. 150). Onde falta um significante, só uma letra pode grafar, a letra a, letra aberta por excelência permite demarcar e fazer borda nesse litoral de irrepresentabilidade (Lacan, 2003b).

Acreditamos ainda que a circunscrição mínima da causa de desejo de cada pesquisador forneça pistas para a operacionalidade do objeto a como ferramenta de articulação metodológica, já que é a partir da cessão de algo do corpo próprio engajando o campo do saber que a causa pode cernir o conhecimento no interior do desconhecimento inerente à atividade de pesquisa em psicanálise.

Atentos à imensidão de desdobramentos que essa tese apresenta, não a esgotaremos aqui nesse ponto, ainda que pretendamos abordá-lo em trabalhos futuros. Afinal de contas, o conhecimento como Lacan (1962-63/2005) o concebe pela via do desejo, está aportado na ideia de que “compreender é sempre avançar capengando para o mal-entendido” (p. 90).

Referências

- Dunker, C. (2016). *O que é o objeto a em Lacan* [Arquivo de vídeo]. Recuperado em 20 de janeiro de 2017 de <https://www.youtube.com/watch?v=zGD5Z5LBDW8>
- Feldman, I. (2016). Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de “Shoah” a “O filho de Saul”. *ARS*, 14(28), 135-153 doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2016.124999>
- França Neto, O. (2009). Por uma nova concepção de universal. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(4), 650-661. Recuperado em 29 de janeiro de 2017, <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000400003>
- França Neto, O. (2015). Uma metodologia para a psicanálise. *Psicologia Clínica*, 27(1), 195-212. Recuperado em 13 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652015000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Junior, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. de Souza, Trad.) (pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos / Sigmund Freud. (P. H. Tavares, Trad.). In *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014a). Inibição, sintoma e angústia. In *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma, angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (P. C. de Souza, Trad.) (pp.227-308). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2014b) *A interpretação dos sonhos* (Vol. 1)(R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&M. (Trabalho original publicado em 1900-01)
- Freud, S. (2015a). Sobre as teorias sexuais infantis. In *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. (P. C. de Souza, Trad.) (pp. 390-411). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2015b). Dostoiévski e o parricídio. In *Arte, literatura e os artistas / Sigmund Freud* (E. Chaves, Trad.) (pp. 283-305). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1928).
- Lacan, J. (1967-68). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*, inédito.
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (2003a). Maurice Merleau-Ponty. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 15-25). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Lacan, J. (2003b). Lituraterra. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 183-192). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno,

- Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-69).
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. (C. Berliner, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lucero, A. (2015). *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Lucero, A. & Vorcaro, A. (2015). Os objetos e o tratamento da criança autista. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 310-317. Recuperado em 16 de janeiro de 2017, de <https://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/931>
- Machado, M., Moreira, G., Fidelis, K., Vorcaro, A., Rezende, A., & Mendes, A. (no prelo). *Desdobramentos de uma metodologia: o real nos bastidores da construção do caso clínico*.
- Quinet, A. (2012). Apresentação: O objeto a: um percurso. In C. Soller (Org.), *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007 / Seminário A Angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: UNESP.
- Safouan, M. (2006). *Lacanianos I: os seminários de Jacques Lacan: 1953-1963*. (P. de Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Soler, C. (2012). *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007 / Seminário A Angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Teixeira, A. (2011). Singularidade subjetiva e metodologia clínica. *CliniCAPS*, 13(5), 1-7. Recuperado em 26 de janeiro de 2017, de http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_revista_13_art_01.html
- Vilela, Y. & Iannini, G. (Orgs.) (2012). Prefácio à edição brasileira. In *Lacan, o escrito, a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Vorcaro, A., & Lucero, A. (2015). O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto a em Lacan. *Natureza humana*, 17(1), 15-32. Recuperado em 16 de janeiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Vorcaro, A., Moreira, G., Guimarães, M., & Souza, M. (2015). Os registros iniciais da falta de objeto e suas implicações simbólicas na constituição do sujeito. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(1), 131-142.
- Wajcman, G. (2012). A arte, a psicanálise, o século. In Y. Vilela & G. Iannini (Orgs.), *Lacan, o escrito, a imagem* (pp. 53-81). Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido em 15/02/2017

Aceito em 19/07/2017

Kaio Fidelis: mestrando (bolsista Capes) no Programa de Pós-graduação em psicologia (área de concentração: Estudos Psicanalíticos) da Universidade Federal de Minas Gerais (2016-2018). Pesquisador dos grupos de pesquisa "Otrarte: psicanálise entre ciência e arte" (desde 2016) e "Fenomenologia e Desconstrução" (desde 2015). Bolsista de Apoio Técnico (CNPq e Fapemig) no Projeto de Pesquisa e Extensão "Tecendo a Rede" (2015-2016). Graduado em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014).

Angela Vorcaro: especialista em psicanálise com crianças e jovens, com várias pesquisas clínicas e teóricas sobre os temas: linguagem, constituição do sujeito, psicose, autismo, fobias, debilidades, adolescência, metodologia clínica. Autora de *A criança na clínica psicanalítica* (1997 e 2004) e *Crianças na Psicanálise: clínica, instituição e laço social* (1998 e 2005) ambos pela Cia de Freud, Rio de Janeiro. Organizou *Quem fala na língua?* (Ágalma, Salvador, 2005), além de autora de 85 artigos em revistas especializadas e 23 capítulos de livros. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Universitária (ANPPEP), do Centro de Pesquisas Otrarte (Unicamp), do Laboratório de Psicanálise e Educação (LEPSI).